

## A Ilha Desconhecida e os Ilhéus Felizes



de **A. P. B**

apresentação e fixação de texto de **Jorge M. Bastos da Silva**  
ver **Nota Explicativa**

---

Citação: A. P. B., "A Ilha Desconhecida e os Ilhéus Felizes", *E-topia: Revista Electrónica de Estudos sobre a Utopia*, n.º 1 (2004). ISSN 1645-958X  
<<http://www.letras.up.pt/upi/utopiasportuquesas/e-topia/revista.htm>>

---

Tendo-me embarcado no México para ir a Vera Cruz, em companhia de Mr. L. \* \* \*, este cavalheiro me criou uma grande amizade e desde logo me fez seu ajudante, distinguindo-me muito entre todos os mais oficiais. Embarcámo-nos na frota e, fazendo-nos à vela, a oposição dos ventos nos fez considerar perdidos por muito tempo na altura da Ilha de S. Domingos, até que, abonançando o mar, nos engolfámos em o oceano e chegámos com felicidade à ametade [*sic*] do nosso caminho e viagem. Não me detenho a descrever os trabalhos que padecemos nela, o menor de todos foi comermos bolacha cheia de bolor e mais dura que pedra, bebendo água corrupta, que demais a mais estava cheia de bichos. Padecei os costumados trabalhos e efeitos da náusea que causa o mar aos que não estão costumados a embarcarem. Porém, tudo isto avaliaríamos em nada, se uma furiosa e repentina borrasca, que se levantou ao pôr do Sol, não nos tivera posto a todos em perigo evidente de vida. Nenhuma esperança tínhamos já de poder salvarmo-nos, se o nosso piloto, e experimentado náutico, tendo avistado terra, não muito distante, não tivesse endireitado a proa para ela, e se apesar da tempestade não houvéramos tido a fortuna de embocarmo-nos em uma baía bastante confortável, donde [*sic*] as ondas não tinham mais alteração e força que a que resultava da grande tormenta que se experimentava no alto mar. Examinámos a terra, e achámos ser um país inteiramente desconhecido. O restante da frota se tinha separado de nós, e Mr. L. \* \* \* ficou muito surpreendido, vendo-se enalhado em uma ilha da qual não tinha notícia, nem tão-pouco encontrava notada na carta de navegação que tinha perante os olhos. Mediu-se a altura e se encontrou poucos graus distante da derrota costumada que seguem todos os que navegam da América à Europa, e isto mesmo é o que causava maior admiração. Finalmente foi grandíssimo o nosso contentamento quando vimos encaminharem-se para a praia alguns homens vestidos à espanhola, e convidar-nos a que saltássemos em terra, para reparar-nos das fadigas que tínhamos padecido no decurso da nossa viagem. Toda a equipagem aceitou com demonstrações de grande contentamento o convite, e imediatamente nos vimos em o mais belo país do mundo.

Era uma ilha que teria trezentas milhas, isto é, cem léguas de circunferência, pouco mais ou menos, de figura quase perfeitamente redonda, e no centro dela se elevava uma colônia quase da mesma figura circular, rodeada toda de casas, donde [*sic*] viviam seus afortunados habitantes; e em sua falda brotavam um sem-número de fontes, todas de água saborosíssima, cujos desperdícios formavam os mais limpos e cristalinos regatos, que, serpenteando e como brincando por entre os alvos seixinhos, conduziam ao mar seu cristalino e devido tributo. Algumas árvores de ramosa e corpulenta figura, e não menos de singular beleza, faziam uma sombra sumamente aprazível, e debaixo de seus ramos se sentia um ar ligeiro e saudável que durava todo o ano, sempre muito temperado, desterrando para sempre os rigores do rigoroso Inverno e os imoderados ardores do Estio. Reinava naquele sítio uma perpétua Primavera e um continuado e abundantíssimo Outono, cuja multidão de fragrantíssimas flores e abundantíssima cópia de frutos esquisitos cooperavam para que ali se passasse uma vida a mais feliz e bem-aventurada que neste mundo se pode alcançar.

Contentíssimo Mr. L. \* \* \* de um descobrimento tão particular, ficou muito desejoso de saber como, ou por que motivo, tinham vindo os Espanhóis a povoar aquele deliciosíssimo sítio; e tendo-o vindo visitar um venerável ancião, que parecia ser o senhor principal e donatário daquela ilha, lhe suplicou que tivesse o trabalho (não sendo coisa impossível) de satisfazer a sua curiosidade, fazendo-lhe uma fiel, miúda e sincera relação de tudo quanto sabia enquanto ao estabelecimento dos Espanhóis em aquele sítio ignorado das nações, e tão admirável.

Senhor (lhe tornou o venerável ancião), vou a satisfazer-vos, contando-vos com singeleza e pontualidade a origem do nosso estabelecimento nesta ilha. Eu sou descendente de um capitão de caravela que, quando Cristóvão Colón subia segunda vez da América à Espanha, se separou da armada pelo motivo de ter sido acossado por uma furiosa tempestade; e depois de ter andado muito tempo perdido e sem rumo certo por estes mares, e consumidas todas as velas e mais massame, arribou, como vós, ditosamente a este posto. A gente da sua equipagem, cheia de sede e, demais disso, ansiosíssima de tomarem repouso depois de uma tão larga como penosa navegação, saltaram logo em terra e, vendo-se em um país por uma parte inteiramente deserto e por outra tão rico de tudo quanto pode servir, não só para a subsistência do homem, como também para a sua muita comodidade e regalo, determinou desde logo ficar aqui e fixar-se nela por todo o restante de sua vida. Vinham na caravela artífices de todos os ofícios, com todos os instrumentos correspondentes ao ofício de cada um em particular, e desta forma não nos foi mui dificultoso, juntando-se os materiais que abundante nos ministrou a ilha, fabricar as casas e todas as coisas mais que estais vendo, ao uso e maneira da Europa. Algumas mulheres, que se lhes tinha permitido licença para se embarcarem com eles, serviram para a propagação e, em muito pouco tempo, mediante o pouco escrúpulo que faziam de se juntarem com elas, cresceu aquele povo de maneira que se veio a formar uma numerosa colónia, e certa espécie de república democrática, com suas leis particulares, governadas por magistrados inteligentes. Todos os frutos da terra se depositavam em uns armazéns públicos, ao cargo de certos comissários, que estavam encarregados e incumbidos de os distribuírem pelas famílias, à proporção do que necessitava cada uma de per si para o seu sustento anual. Pelo que tocava ao vestuário, dispôs a Providência que descobrissemos linho e cânhamo, o que, cuidadosamente cultivado, nos produz em abundância o que nos baste para vestir-nos com decência, posto que o temperamento deste clima, sempre temperado e igual, não nos permite usar para nosso abrigo de alfaias mais grossas e pesadas. Afinal, a diversidade de classes e hierarquias entre nós, nenhuma se reconhece, porque nenhum é mais nobre e poderoso do que o outro seu concidadão; e todos alternativamente participam, tanto do governo, como da sujeição. De cinco em cinco anos se mudam os magistrados e os empregos, de maneira que os que antes estavam destinados a trabalhar nos campos ou nas manufacturas, e mais ocupações interiores do serviço e interesses comuns da colónia, passam depois a exercitarem-se nos ofícios e artes mecânicas, e tanto de uns como dos outros se extraem os que são propostos para o governo, e deste modo em breve tempo todos participam e a todos toca a autoridade e superioridade do governo alternativamente. Esta somente se exercita no que é puramente económico, porque jamais em tempo algum houve entre nós pleitos internos ou disputas frívolas, que somente servem de inquietação e consumo de cabedais, e muitas vezes de fomentação de discórdias, ódios e vinganças entre as famílias que pleitam; razão por que entre nós são vedados os ditos pleitos, pois que não queremos coisa que possa turvar nem alterar nossa vida feliz e quieta.

Todos os nossos estudos se reduzem a instruir-nos bem em todas aquelas artes que são necessárias para a nossa cómoda subsistência, e assim todos estamos obrigados a ser alfaiates, sapateiros, carpinteiros, padeiros, tecelões e lavradores, eis é [*sic*] porque nos devemos habilitar para exercitarmos todos estes ofícios periodicamente, ou por certa espécie de turno.

Enquanto às nossas mulheres, estas vivem retiradas e guardadas com a maior vigilância e escrupulosa cautela. Os quartos que são destinados para servirem de sua habitação são sempre nas costas das casas, e com vista unicamente para a colónia, pois que esta para nós é o nosso mais particular divertimento. Ao pôr do Sol se juntam elas todas em um sítio da colónia, destinado pelos magistrados para o seu divertimento, e ali juntas todas têm as suas conversações, advertindo, porém, que é proibido pelas leis aos homens concorrerem a este ajuntamento e conversação. Enquanto à ordem que guardamos nos nossos matrimónios, depois que o povo se multiplicou de maneira que em um conselho que formaram os magistrados se julgou não ser já necessário que as mulheres fossem comuns, se publicou por

unanimidade de votos do mesmo conselho que antes de as mulheres completarem os quinze anos nenhuma possa pretender marido, da mesma maneira nenhum homem antes de ter completado os vinte e cinco anos possa pretender mulher. Há um tribunal, que se intitula o Magistrado dos Matrimónios, composto dos homens mais anciãos e mais sisudos e discretos da ilha, ao qual toca dispor das bodas e também de unir os dois esposos, não só sem que estes para ele dêem o seu consentimento, como também que nenhum deles tenha a menor notícia ou conhecimento um do outro até que estes se vejam casados, tão-somente pela escolha feita pelos membros do respeitável Magistrado dos Matrimónios. A regra por onde este tribunal unicamente se governa é meramente pela proporção das idades, que devem corresponder aos dois esposos contraentes. Por exemplo: uma mulher de dezasseis anos se deve casar com um homem de vinte e cinco anos; uma de dezoito anos com um homem de vinte e oito anos; uma de vinte com um homem que tenha mais dez anos que ela, etc. Porém, no caso (poucas vezes acontecido) de não poder ser observada exactamente esta regra, se procura ao menos que possam juntar-se os esposos com muito pouca diferença nas idades já prescritas, e isto se faz com todo o escrúpulo e infalibilidade. Tem o dito tribunal um livro onde são lançados e exactamente notados todos os nomes de todos aqueles e de todas aquelas que podem e querem casar-se, com uma notícia pontual e apontamento de suas idades, para os unirem a todos conforme lhe corresponde às suas respectivas idades. Deveis também saber, senhor, que este tribunal tem o maior e mais escrupuloso cuidado em não ajuntar em matrimónio a nenhum que tenha algum grave defeito corporal, e assim todos aqueles defeitos que afeiam visivelmente as pessoas são impedimentos urgentíssimos. Por exemplo, um coxo, um tolhido, um corcunda, um surdo, um cego e um mudo não podem absolutamente casarem-se [*sic*], pelas leis proibirem semelhantes matrimónios; advertindo, porém, que o mesmo se deve entender a respeito das mulheres. Em os nossos matrimónios nunca houve maior solenidade, nem outra cerimónia, que a seguinte, que vou a dizer-vos. Quando o Magistrado dos Matrimónios, autorizado para juntar os esposos, tem determinado já a esposa correspondente ao esposo pelas leis (bem entendido que tenham as idades que tenho dito), entrega a esposa às mulheres que estão em casa do esposo, quando estas se acham juntas na sua costumada conversação, estas a levam à sua casa, e quando o destinado esposo à noite torna a ela, depois do seu trabalho, a encontra com as mais, e conhecendo este que aquela é a mulher que as leis lhe determinaram para esposa, sem mais requisito ou cumprimento a conduz para o seu leito. Desta maneira não têm lugar entre nós certas desordens (que temos lido em os poucos livros que nos restam dos que foram aqui trazidos pelos nossos antepassados), os casos mil vezes funestos que continuamente estão acontecendo no grande mundo. Amancebamentos e adultérios entre nós não são conhecidos; zelos, desordens e domésticas dissensões não têm lugar nos seios das nossas pacíficas famílias, e todos desta maneira vivemos com a maior paz, com a mais perfeita união e com uma harmonia, a mais digna de ser invejada. Como os maridos não tratam nem têm jamais tratado com outras mulheres que não seja meramente aquela que foi destinada para sua esposa, crêem que esta é a mais linda, a de maior espírito; amam-na enquanto vivem com ela, sem que nenhuma outra entre em partilha com o seu amor.

Assim falou aquele ancião e venerável ilhéu, tendo encantados [*sic*] a Mr. L. \* \* \* e a todos os que com ele ouvimos esta narração prodigiosa, não cessando de admirar-nos das maravilhosas coisas que acabava de contar-nos, de maneira que nos não fartávamos de louvar um governo tão extraordinário e delicioso. Parecia-nos que Drácon, Sólon, Licurgo ou Rómulo não tinham instituído leis mais bem regradas que estas para introduzir uma certa espécie de bem-aventurança em seus povos. De boa vontade nos teríamos detido todos mais tempo naquela ilha incomparável. Porém, Mr. L. \* \* \*, depois de ter provido de todo o necessário a nau, quis que nos fizéssemos à vela, e prosseguimos a nossa viagem para Espanha. Partimos, pois, com bem dissabor de um sítio mui digno da nossa inveja, e, tendo-nos juntado ao resto da frota, chegámos com felicidade e sem outro sinistro acidente à baía de Cádiz. Durante a minha permanência em Espanha nada me aconteceu que mereça a vossa atenção ou que satisfaça a vossa curiosidade, e me restitui ao México sem que em todo o decurso da navegação me acontecesse coisa digna de contar-se. Enquanto à religião que seguiam os ilhéus, (me tinha esquecido dizer-vos) que não lhe vimos templos ou sacerdotes, nem tão-pouco o ilhéu nos falou jamais de semelhante classe de homens. Por consequência, me pareceu muito verosímil que enquanto à religião conservariam somente as máximas de seus antepassados comunicadas por tradição de pais a filhos; e como entre eles jamais tinha havido

que estivesse autorizado com poderes para ordenar sacerdotes a alguns dos seus habitantes, penso que o seu coração seria o altar e todas as cerimónias se reduziriam à pureza e inocência da sua vida.

ver [Nota explicativa](#)